

no momento, está sob teus pés. Isso é tudo o que viste da natureza. Desde que acabaste por baixar a cabeça. O solo voando sob teus pés. De tempos em tempos. Não contas mais teus passos. Pela simples razão de serem em igual número a cada dia. A média, dia após dia, é a mesma. Já que o caminho é sempre o mesmo. Contas os dias e os multiplicas a cada dez. E os somas. A sombra de teu pai não está mais contigo. Deixou-te há muito tempo. Não ouves mais teus próprios passos. Sem ouvir e sem ver, segues teu caminho. Dia após dia. O mesmo caminho. Como se já não houvesse outros mais. Para ti, já não há outros. Costumavas não parar nunca, exceto para fazeres teus cálculos. Para poderes continuar a caminhar, partindo do nada novamente. Eliminada essa necessidade, como vimos, teoricamente não há mais nada que te leve a parar. Salvo, talvez, por um momento, no ponto extremo. Para

reunires forças para a volta. E, no entanto, tu o fazes. Como nunca. Não por cansaço. Não te sentes mais cansado do que sempre te sentiste. Não por causa da idade. Não estás mais velho do que sempre foste. E, no entanto, paras como nunca. De modo que os mesmos cem metros que costumavas percorrer em cerca de três a quatro minutos, podem variar agora entre quinze e vinte minutos. Os pés caem por si mesmos, a meio passo, e depois, para levantarem-se, agarram-se ao chão, fazendo o corpo deter-se. Por isso, uma indefinição a respeito do ponto essencial, Podem prosseguir? Ou melhor, devem prosseguir? Essa é a essência. Foram imobilizados, finalmente, quando faziam o que sempre fizeram até aqui. Estás deitado no escuro, com os olhos fechados, e vês a cena. Como não podias ver na ocasião. A abóbada escura do céu. A terra resplandecente. Tu, imóvel, no meio. As botas altas en-